



BLAKE PIERCE

UM ENIGMA DA SÉRIE MACKENZIE WHITE – LIVRO I

ANTES
QUE ELE
MATE

Um Enigma Mackenzie White

Blake Pierce

Antes Que Ele Mate

«Lukeman Literary Management Ltd»

Pierce B.

Antes Que Ele Mate / B. Pierce — «Lukeman Literary Management Ltd», — (Um Enigma Mackenzie White)

Do autor nº 1 autor em best-sellers, Blake Pierce, vem uma nova série de enigmas de acelerar o coração. Nos milhares de Nebraska uma mulher é encontrada assassinada, pendurada em um poste de madeira, vítima de um assassino demente. Não é preciso muito tempo para que a polícia perceba que um serial killer está à solta – e que sua diversão está apenas no começo. A Detetive Mackenzie White, jovem, dura, e mais inteligente do que os homens machistas e velhos da sua força local, é chamada a contragosto, para ajudar a resolver o caso. Por mais que os outros oficiais odeiem admitir isso, eles precisam de sua mente jovem, brilhante, que já ajudou a resolver casos arquivados que os deixaram perplexos. No entanto, mesmo para Mackenzie este novo caso parece um enigma impossível, algo que ela – e a força local – nunca viram em tempo algum. Com o FBI no caso, juntos, dá-se prosseguimento à uma caçada intensa. Mackenzie, sofrendo com seu passado triste, seus relacionamentos fracassados, e sua inegável atração pelo novo agente do FBI, encontra-se lutando contra os seus próprios demônios enquanto a caça ao assassino a leva para os lugares mais sombrios de sua mente. Quando ela investiga a mente do assassino, obcecada por sua psicologia distorcida, ela descobre que o mal realmente existe. E apenas espera que não seja tarde demais para livrar-se dele, já que toda a sua vida está desmoronando ao seu redor. À medida que mais corpos aparecem e começa uma corrida frenética contra o tempo, não há nenhuma opção a não ser encontrá-lo antes que ele mate novamente. Um thriller psicológico sombrio com um nível de suspense que acelera o coração, ANTES QUE ELE MATE marca a estreia de uma nova série fascinante – e uma querida nova personagem – que farão você virar páginas até tarde da noite. O Livro nº 2 da série de Enigmas Mackenzie White estará disponível em breve.

© Pierce B.
© Lukeman Literary Management Ltd

Содержание

PREFÁCIO	7
CAPÍTULO UM	10
CAPÍTULO DOIS	14
CAPÍTULO TRÊS	18
CAPÍTULO QUATRO	20
CAPÍTULO CINCO	23
CAPÍTULO SEIS	27
CAPÍTULO SETE	31
Конец ознакомительного фрагмента.	34

Blake Pierce

ANTES QUE ELE MATE (UM ENIGMA DA SÉRIE MACKENZIE WHITE – LIVRO 1)

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, um best-seller. Esta série inclui os thrillers SEM PISTAS (livro nº 1), ONCE TAKEN (livro nº 2) e ONCE CRAVED (livro nº3). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE.

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Direitos Autorais © 2016 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorais (EUA Copyright Act, de 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este ebook é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Jacket image lassedesignen Copyright, imagem usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS RILEY PAGE

SEM PISTAS (Livro nº1)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

PREFÁCIO

Em outro momento, a primeira luz do amanhecer por cima dos pés de milho seria uma visão bonita para ela. Ela assistiu quando a primeira luz do dia dançou pelos caules das plantas, criando uma cor dourada suave, e ela tentou com todas as forças encontrar alguma beleza naquilo.

Ela teve que se distrair, ou então a dor seria insuportável.

Ela foi amarrada à uma grande estaca de madeira que passava pelas suas costas e se estendia por mais 60 cm acima de sua cabeça. Suas mãos estavam amarradas para trás, ambas amarradas juntas por detrás da estaca. Ela estava usando apenas uma lingerie preta de renda e um sutiã com sustentação, que unia e levantava ainda mais os seus seios fartos. Foi o sutiã que deu à ela a maioria das gorjetas no clube de strip, o sutiã fez seus seios parecerem os de uma mulher de vinte e um anos, em vez de uma mãe de trinta e quatro com dois filhos.

A estaca raspava contra as suas costas nuas, deixando-as em carne viva. Mas não foi tão ruim quanto a dor que o homem com a voz sombria e assustadora a fez sofrer.

Ela ficou tensa quando o ouviu andando por trás dela, com seus passos suaves na clareira do milharal. Havia um outro som, também, mais fraco. Ele estava arrastando alguma coisa. Ela notou que era o chicote, o mesmo que ele estava usando ao espancá-la. Deve ter sido farpado com alguma coisa, e tinha uma espécie de franja na extremidade. Ela só o viu uma vez e foi mais do que suficiente.

Suas costas arderam com as chicotadas, e só de ouvir o objeto sendo puxado pelo chão lhe causou uma onda de pânico. Ela soltou um grito, que deveria ser o centésimo primeiro da noite, e pareceu cair morto e imperceptível sobre o milharal. No início, seus gritos tinham sido gritos de socorro, esperando que alguém pudesse ouvi-la. Mas com o passar do tempo, eles haviam se tornado uivos distorcidos de angústia, gritos proferidos por alguém que sabia que ninguém viria para ajudar.

"Talvez eu deixe você ir embora", disse o homem.

Ele tinha a voz de alguém que fumou ou gritou muito. Também havia um tipo estranho de balbuciar em suas palavras.

"Mas, primeiro, você deve confessar seus crimes."

Ele tinha dito isso quatro vezes. Novamente ela se acabou de tanto pensar naquilo. Ela não tinha nenhum crime para confessar. Ela tinha sido uma boa pessoa para todos que conhecia, uma boa mãe, não tão boa quanto ela gostaria, mas ela tentou.

O que ele queria?

Ela gritou de novo e tentou dobrar suas costas contra a estaca. Quando o fez, sentiu uma pequena elasticidade nas cordas em torno de seus pulsos. Ela também sentiu seu sangue pegajoso acumulado em torno da corda.

"Confesse seus crimes", repetiu ele.

"Eu não sei do que você está falando!" Ela gemeu.

"Você vai se lembrar", ele disse.

Ele já havia dito isso antes. E ele havia dito isso logo antes -

Fez um barulho sussurrante suave quando o chicote formou um arco no ar.

Ela gritou e se contorceu contra a estaca assim que recebeu a chicotada.

Sangue novo fluía de uma também nova ferida, mas ela mal o sentiu. Em vez disso, ela se concentrou em seus pulsos. O sangue acumulado lá durante a última hora, ou quase isso, estava se misturando com o seu suor. Ela podia sentir o espaço vazio entre a corda e os pulsos dela e então pensou que poderia conseguir fugir. Ela sentiu sua mente tentando se dispersar, se desligar da situação.

Tchaaa!

Essa chicotada pegou diretamente em seu ombro e ela berrou.

"Por favor", ela disse. "Eu farei o que quiser! Apenas me deixe ir embora!"

"Confesse seus-"

Ela puxou o mais forte que podia, trazendo os braços para a frente. Seus ombros pareciam gritar de agonia, mas ela instantaneamente ficou livre. Houve uma ligeira queimadura porque a corda fez um forte atrito no topo de sua mão, mas isso não era nada em comparação com a dor que atravessava suas costas.

Ela puxou os braços para frente com tanta força que quase caiu de joelhos, e isso quase arruinou sua fuga. Mas a necessidade primitiva de sobreviver assumiu o controle de seus músculos e antes mesmo de estar ciente do que estava fazendo, ela já estava correndo.

Ela correu em disparada, espantada por estar realmente livre, espantada em ver que as suas pernas ainda funcionavam mesmo depois de terem sido amarradas por tanto tempo. Ela não parava de se perguntar como aquilo era possível.

Ela entrou no milharal derrubando os pés de milho, os talos batiam contra o corpo dela. As folhas e ramos pareciam se estender em direção a ela, penteando suas costas dilaceradas como velhos dedos murchos. Ela estava ofegante e se concentrava em manter um pé na frente do outro. Ela sabia que a estrada estava por ali nas proximidades. Tudo o que tinha a fazer era continuar correndo e ignorando a dor.

Atrás dela, o homem começou a gargalhar. Sua voz fez o som das gargalhadas parecer vindo de um monstro que estava escondido no milharal durante séculos.

Ela choramingou e correu, os pés descalços batendo contra a terra e seu corpo quase completamente nu batendo contra e entortando os caules de milho. Seus seios subiam e desciam de uma forma ridícula, ela deixou escapar o sutiã. Prometeu a si mesma naquele momento que se conseguisse sair viva dali ela nunca mais faria strip. Ela encontraria algum emprego melhor, uma maneira melhor de sustentar seus filhos.

Isso deu a ela mais gás, e ela correu mais rápido, derrubando os pés de milho. Ela correu o mais rápido que podia. Ela estaria livre dele se apenas continuasse correndo. A estrada tinha que estar logo depois da esquina. Certo?

Talvez. Mas, mesmo assim, não havia nenhuma garantia de que alguém estaria lá. Não eram nem mesmo seis horas da manhã e ainda as estradas de Nebraska eram geralmente muito desertas a esta hora do dia.

À sua frente, havia uma falha de caules. A luz turva da alvorada se espalhou em sua direção, e o seu coração saltou para ver a estrada.

Ela surgiu no meio da estrada, e assim, para a sua descrença ela ouviu o barulho de um motor se aproximando. Ela se encheu de esperança.

Ela viu o brilho dos faróis se aproximando e correu ainda mais rápido, estava tão perto que ela podia sentir o cheiro do asfalto encharcado de calor.

Ela chegou à beira do milharal junto com uma caminhonete vermelha que estava passando. Ela gritou e agitou os braços freneticamente.

"POR FAVOR!", ela gritou chorando.

Mas, para o seu horror, o caminhão apenas passou por ela fazendo muito barulho.

Ela acenou com os braços, chorando. Talvez, o motorista a veria pelo espelho retrovisor—

Tchaaa!

Uma dor aguda e cortante explodiu ao longo da parte de trás do seu joelho esquerdo, e ela caiu no chão.

Ela gritou e tentou se levantar, mas sentiu uma mão forte puxá-la pelos cabelos e logo ele estava arrastando-a de volta para o milharal.

Ela tentou se mover, para se libertar, mas desta vez, ela não conseguiu.

Houve uma última estralada de chicote, quando, finalmente, com gratidão, ela perdeu a consciência.

Logo, ela sabia, que tudo chegaria ao fim: o ruído, o chicote, a dor —e sua breve vida cheia de sofrimento.

CAPÍTULO UM

A detetive Mackenzie White se preparou para o pior quando atravessou a plantação de milho naquela tarde. O som dos pés de milho quando ela passava por eles a deixava nervosa, um som mortal, arranhando sua jaqueta, enquanto ela passava fileira após fileira. A clareira que ela procurava, ao que parecia, estava a milhas de distância.

Ela finalmente chegou, assim que parou, paralisou-se de frio, desejando estar em qualquer lugar, menos ali. Havia um corpo, quase completamente nu de uma mulher de trinta e poucos anos amarrado a um mastro, com o rosto congelado em uma expressão de angústia. Era uma expressão que Mackenzie desejou nunca ter visto— pois sabia que ela nunca esqueceria.

Cinco policiais circularam ao redor da clareira, sem fazer nada em particular. Eles estavam tentando parecer ocupados, mas ela sabia que eles estavam simplesmente tentando entender o sentido daquilo. Ela tinha certeza de que nenhum deles tinha visto nada assim antes. Não levou mais de cinco segundos para ver a mulher loira amarrada ao mastro de madeira e Mackenzie saber que havia algo muito mais profundo acontecendo ali. Algo diferente de tudo que já tinha visto. Não foi o que aconteceu nas plantações de milho de Nebraska.

Mackenzie se aproximou do corpo e andou lentamente em círculo em torno dele. Ao fazer isso, ela sentiu os outros oficiais observando-a. Ela sabia que alguns deles sentiam que ela levava seu trabalho muito a sério. Ela se aproximou bem mais, procurou por fios e conexões que eram naturalmente quase abstratas. Ela era a jovem que havia atingido a posição de detetive rápido demais aos olhos de muitos dos homens da delegacia, ela sabia. Ela era a garota ambiciosa que todo mundo achava que tinha os olhos em coisas maiores e melhores do que ser uma detetive de cidade pequena responsável pela aplicação da lei do estado de Nebraska.

Mackenzie ignorou todos eles. Ela focou exclusivamente no corpo, afastando as moscas que voavam por toda parte. Elas pairavam agitadas em torno do corpo da mulher, criando uma pequena nuvem negra, e o calor não estava ajudando. Tinha estado quente durante todo o verão e parecia que todo aquele calor havia se reunido naquele milharal e se concentrado ali.

Mackenzie chegou perto e estudou o cadáver da moça, tentando reprimir uma sensação de náusea e uma onda de tristeza. As costas da mulher estavam cobertas de feridas. Elas pareciam naturalmente uniformes, provavelmente feitas ali pelo mesmo instrumento. Suas costas estavam cobertas de sangue, principalmente seco e pegajoso. A parte de trás da sua tanga ficou endurecida de sangue, também.

Quando Mackenzie terminou sua volta em torno do corpo, um policial baixinho mas robusto se aproximou dela. Ela o conhecia bem, embora nunca tivesse prestado atenção nele.

"Olá, detetive White", disse o Comandante Nelson.

"Comandante", ela respondeu.

"Onde está o Porter?"

Não havia nada de condescendente em sua voz, mas ela sentiu isso, não obstante. Este endurecido e local chefe de polícia de cinquenta e alguma coisa não queria uma mulher de vinte e cinco anos de idade ajudando a dar sentido a este caso. Walter Porter, seu colega de cinquenta e cinco anos de idade, seria melhor para o trabalho.

"De volta à estrada", Mackenzie disse. "Ele está conversando com o agricultor que descobriu o corpo. Ele estará junto em breve. "

"Ok," disse Nelson, claramente um pouco mais à vontade. "O que você pensa a respeito disso?"

Mackenzie não sabia o que responder. Ela sabia que ele estava fazendo um teste com ela. Ele fazia isso de vez em quando, mesmo com coisas do dia-a-dia na delegacia. Mas ele não testava nenhum dos outros policiais ou detetives, ela estava certa de que ele só fez isso com ela porque ela era jovem e mulher.

Suas entranhas diziam que aquilo era mais do que um assassinato teatral. Foram as inúmeras chicotadas nas costas? Foi o fato de que a mulher tinha um corpo digno de uma pinup? Seus seios eram claramente falsos e se Mackenzie tivesse que adivinhar, seu bumbum tinha sido feito também. Ela usava uma boa dose de maquiagem, boa parte manchou com as lágrimas.

"Eu acho", Mackenzie disse, finalmente respondendo à pergunta de Nelson, "que este foi puramente um crime violento. Acho que a investigação forense não vai mostrar nenhum abuso sexual. A maioria dos homens que sequestram uma mulher para sexo raramente abusam de suas vítimas tanto assim, mesmo se eles pretendem matá-las mais tarde. Eu também acho que o estilo de roupa que ela está vestindo sugere que ela era uma mulher de natureza provocante. Muito honestamente, a julgar pelo seu estilo de maquiagem e o grande tamanho de seus seios, eu começaria a fazer ligações para casas de strip em Omaha para ver se alguma dançarina desapareceu na noite passada."

"Tudo isso já foi feito", Nelson respondeu presunçosamente. "A falecida é Hailey Lizbrook, trinta e quatro anos de idade, mãe de dois meninos e dançarina mediana na The Runway, em Omaha."

Ele recitou esses fatos como se estivesse lendo um manual de instruções. Mackenzie supôs que ele estava neste cargo tempo bastante para que as vítimas dos assassinatos não fossem mais tratadas como pessoas, mas simplesmente um enigma a ser resolvido.

Mas Mackenzie, há apenas alguns anos em sua carreira, não era tão endurecida e insensível. Ela estudou a mulher com um olhar voltado para descobrir o que havia acontecido, mas também a viu como uma mulher que tinha deixado dois meninos—meninos que viveriam o resto de suas vidas sem uma mãe. Para uma mãe de dois filhos ser uma stripper, Mackenzie supôs que havia problemas financeiros em sua vida e que ela estava disposta a fazer quase tudo para sustentar seus filhos. Mas agora aqui estava ela, amarrada a um mastro e espancada por um homem anônimo que—

O farfalhar de pés de milho por trás dela a interrompeu. Ela se virou para ver Walter Porter que vinha andando em meio as plantas. Ele parecia irritado quando entrou na clareira, limpando a sujeira e os cabelos de milho de seu casaco.

Ele olhou ao redor por um momento antes que seus olhos pousassem no corpo de Hailey Lizbrook no mastro. Um sorriso surpresa veio através de seu rosto, seu bigode grisalho inclinou para a direita em um ângulo desagradável. Ele então olhou para Mackenzie e Nelson e sem perder tempo se aproximou.

"Porter", disse o Comandante Nelson. "White já resolveu este caso. Ela é muito esperta. "

"Ela é", Porter disse com desdém.

Foi sempre assim. Nelson não estava realmente atribuindo a ela um elogio. Ele estava, na verdade, provocando Porter por ter sido paralisado pela moça bonita que tinha vindo do nada e alcançou a posição de detetive— a linda moça que poucos homens da delegacia acima dos trinta anos de idade levaram a sério. E Deus, Porter odiava essa situação.

Enquanto ela assistia *com prazer* Porter se contorcendo sob a provocação, não valia a pena sentir-se inadequada e subvalorizada. Frequentemente ela solucionava os casos que os outros homens não conseguiam e isso, ela sabia, era uma ameaça para todos eles. Ela tinha apenas vinte e cinco anos, muito jovem para começar a se sentir esgota em uma carreira que ela amava. Mas agora, estar com o caso parado nesta situação e com Porter, com este grupo, ela estava começando a odiar aquilo.

Porter fez um esforço para se posicionar entre Nelson e Mackenzie, deixando-a saber que agora este era o seu show. Mackenzie sentiu que estava começando a se irritar, mas ela abafou aquele sentimento. Ela vinha fazendo isso pelos últimos três meses, desde que ela tinha sido designada para trabalhar com ele.

Desde o primeiro dia, Porter não escondeu sua antipatia por ela. Afinal, ela tinha substituído o homem que foi parceiro de Porter por vinte e oito anos e que foi retirado do grupo, para a preocupação de Porter, para dar lugar a uma jovem.

Mackenzie ignorou seu desrespeito descarado; ela se recusou a deixá-lo afetar sua ética de trabalho. Sem uma palavra, ela voltou para ver o corpo. Ela o estudou de perto. Doeu estudá-lo, e ainda, na medida em que lhe dizia respeito, não havia nenhum corpo morto que jamais iria afetá-la tanto quanto o primeiro que ela já tinha visto. Ela estava quase atingindo o ponto em que ela não via mais o corpo de seu pai quando ela analisava uma cena de assassinato. Mas ainda não havia chegado a tal ponto. Ela tinha sete anos de idade, quando entrou no quarto e viu ele meio esparramado na cama, em uma poça de sangue. E ela nunca mais parou de relemburar essa cena desde então.

Mackenzie procurou pistas de que este assassinato não tinha ocorrido por causa de sexo. Ela não viu sinais de hematomas ou arranhões em seus seios ou nádegas, nenhum sangramento externo ao redor da vagina. Ela então olhou para as mãos e os pés da mulher, se perguntando se poderia haver um motivo religioso; sinais de perfuração ao longo das palmas das mãos, tornozelos e pés poderiam denotar uma referência à crucificação. Mas não havia sinais disso também.

No breve relato que ela e Porter receberam, ela sabia que as roupas da vítima não tinham sido encontradas. Mackenzie pensou que isso provavelmente significava que o assassino estava com elas, ou as tinha descartado. Isto indicava que ele era ou cauteloso, ou obsessivo. Acrescentando isso ao fato de que sua motivação na última noite, quase certamente, não tinha sido de natureza sexual. Ela acrescentou também a possibilidade de ele ser um assassino potencialmente evasivo e calculista.

Mackenzie se afastou até a entrada da clareira e observou a totalidade da cena. Porter olhou meio de lado para ela e depois a ignorou completamente, continuando a falar com Nelson. Ela notou que os outros policiais estavam olhando para ela. Alguns deles, pelo menos, estavam observando seu trabalho. Ela chegou ao posto de detetive com uma reputação de ser excepcionalmente brilhante e altamente considerada pela maioria dos instrutores na academia de polícia, e de tempos em tempos —moças e rapazes como ela—faziam para ela perguntas interessadas ou queriam saber sua opinião sobre determinadas situações.

Por outro lado, ela sabia que alguns dos homens que estavam na clareira com ela também poderiam estar dando uma “olhadinha” nela, também. Ela não sabia o que era pior: os homens que olhavam para a bunda dela enquanto ela caminhava para analisar a cena ou os que riam pelas costas porque a menininha estava tentando desempenhar o papel de detetive “casca grossa”.

Enquanto ela estudava a cena, ela foi novamente atacada pela suspeita persistente de que algo estava terrivelmente errado ali. Ela sentiu como se estivesse abrindo um livro e lendo a primeira página de uma história que ela sabia que tinha algumas páginas muito difíceis pela frente.

Este é apenas o começo, ela pensou.

Ela olhou para a poeira em torno do mastro e viu algumas marcas de botas, mas nada que pudesse fornecer impressões. Havia também uma série de formas na poeira que quase pareciam uma serpentina. Ela agachou para olhar mais de perto e viu que várias das formas se arrastavam de um lado para o outro, envolvendo o caminho em torno do mastro de madeira de uma forma interrompida, como se aquilo tivesse girado em torno do mastro várias vezes. Ela então olhou para as costas da mulher e viu que os cortes em seu corpo tinham mais ou menos a mesma forma das marcas no chão.

"Porter", disse White.

"O que foi?", Ele perguntou, claramente irritado por ter sido interrompido.

"Eu acho que tenho impressões de armas aqui."

Porter hesitou por um segundo e, em seguida, caminhou até onde Mackenzie estava agachada. Quando ele agachou ao lado dela, ele gemeu um pouco e ela pôde ouvir o ranger do cinto dele. Ele tinha cerca de 22 quilos a mais e isso se tornava cada vez mais evidente a medida que ele se aproximava dos cinquenta e cinco.

"Algum tipo de chicote?", ele perguntou.

"Parecido com isso."

Ela examinou o chão, seguindo as marcas na areia por todo o caminho até o mastro e ao fazê-lo, ela notou algo mais. Era algo minúsculo, tão pequeno que ela quase não teria visto.

Ela andou até o mastro com cuidado para não tocar o corpo antes que a perícia forense chegasse. Ela se agachou novamente e sentiu o peso do calor da tarde pressionando seu corpo para baixo. Destemida, ela esticou a cabeça para mais perto do mastro, tão perto que sua testa quase tocou na madeira.

"Que diabos você está fazendo?", perguntou Nelson.

"Algo está esculpido aqui", disse ela. "Parecem números".

Porter veio para investigar, mas ele fez de tudo para não se curvar novamente. "White, o pedaço de madeira tem facilmente uns vinte anos", disse Porter. "Essa marca parece tão velha."

"Talvez", disse Mackenzie. Mas ela não pensava assim.

Já sem interesse na descoberta, Porter voltou a falar com Nelson, comparando anotações sobre as informações que tinha obtido do agricultor que descobriu o corpo.

Mackenzie tirou seu telefone e tirou uma foto dos números. Ela ampliou a imagem e os números se tornaram um pouco mais claros. Vê-los em detalhe, mais uma vez a fez sentir como se tudo isso fosse o começo de algo muito maior.

N511/J202

Os números não significavam nada para ela. Talvez Porter estivesse certo; talvez eles não significavam absolutamente nada. Talvez eles tivessem sido esculpidos ali por um registrador quando o mastro foi feito. Talvez alguma criança entediada lhes havia esculpido em algum lugar ao longo dos anos.

Mas isso não parecia correto.

Nada parecia fazer sentido.

E ela sabia, em seu coração, que esse era apenas o começo.

CAPÍTULO DOIS

Mackenzie sentiu um nó no estômago quando olhou para fora do carro e viu as vans de reportagens empilhadas, repórteres disputando a melhor posição para ataca-la juntamente com o Porter, assim que eles chegassem na delegacia. Quando Porter estacionou, White viu vários âncoras dos noticiários chegando, correndo pelo gramado da delegacia com cinegrafistas sobrecarregados de equipamentos correndo atrás deles.

Mackenzie viu Nelson na entrada, fazendo o que podia para acalmá-los, parecendo desconfortável e agitado. Mesmo dali ela podia ver o suor brilhando em sua testa.

Quando saíram, Porter caminhou ao lado dela, certificando-se de que ela não seria a primeira detetive a ser vista pela mídia. Quando ele passou por ela, ele disse: "Não diga nada para estes vampiros."

Ela sentiu uma onda de indignação com o seu comentário condescendente.

"Eu sei, Porter."

A multidão de repórteres e câmeras os alcançou. Havia pelo menos uma dúzia de microfones saindo da multidão em direção aos seus rostos enquanto eles passavam. As perguntas chegaram até eles como o zumbido de insetos.

"Os filhos da vítima já foram avisados?"

"Qual foi a reação do agricultor quando ele encontrou o corpo?"

"Trata-se de um caso de abuso sexual?"

"É sensato ter uma mulher como responsável por um caso como este?"

Essa última provocou Mackenzie um pouco. Claro, ela sabia que eles estavam simplesmente tentando chegar à uma resposta, esperando por uma declaração suculenta de vinte segundos para o noticiário da tarde. Eram apenas quatro horas; se agissem rapidamente, eles poderiam ter uma pepita para o noticiário das seis.

Enquanto ela fazia o seu caminho através das portas até o interior, a última pergunta ecoou como um trovão na cabeça dela.

É sensato ter uma mulher como responsável por um caso como este?

Ela se lembrou de como Nelson friamente tinha lido a informação sobre Hailey Lizbrook.

Claro que é, pensou Mackenzie. Na verdade, é crucial.

Finalmente eles entraram no recinto e as portas bateram atrás deles. Mackenzie respirou com alívio por estar na tranquilidade.

"Sanguessugas do caralho", disse Porter.

Ele tinha deixado cair a arrogância, agora que não estava mais na frente das câmeras. Ele caminhou lentamente pela mesa da recepcionista em direção ao corredor que levava às salas de conferência e escritórios que compunham sua zona eleitoral. Ele parecia cansado, pronto para ir para casa, pronto para acabar com esse caso.

Mackenzie entrou na sala de conferência pela primeira vez. Havia vários oficiais sentados à uma grande mesa, alguns de uniforme e alguns com suas roupas casuais. Dada a sua presença e o súbito aparecimento das vans de reportagem, Mackenzie adivinhou que a história tinha vazado em todas as direções nas duas horas e meia entre deixar seu escritório, ir para milharal, e voltar. Era mais do que um terrível assassinato aleatório; agora, tornou-se um espetáculo.

Mackenzie pegou uma xícara de café e sentou-se à mesa. Alguém já tinha colocado pastas em torno da mesa com o pouco de informação que já haviam sido recolhidas sobre o caso. Enquanto ela olhava o material, mais pessoas chegaram na sala. Porter, finalmente entrou, sentando-se no extremo oposto.

Mackenzie tirou um tempo para verificar seu telefone e descobriu que ela tinha oito chamadas não atendidas, cinco mensagens de voz, e uma dúzia de e-mails. Foi um lembrete de que ela já tinha

uma carga de trabalho completa antes de ser enviada para o milharal, esta manhã. A triste ironia é que, enquanto seus colegas mais velhos passavam muito tempo rebaixando-a e jogando insultos sutis para ela, eles também perceberam o seu talento. Como resultado, ela conseguiu um dos maiores números de casos na força. Até o momento, porém, ela nunca tinha ficado para trás e tinha uma taxa estelar de casos resolvidos.

Ela pensou em responder a alguns dos e-mails enquanto esperava, mas Chefe Nelson veio antes que ela pudesse ter essa chance. Ele rapidamente fechou a porta da sala de conferências por trás dele.

"Eu não sei como a mídia descobriu isso tão rapidamente", ele rosnou, "mas se eu descobrir que alguém nesta sala é responsável, vocês verão o que é fúria."

A sala ficou em silêncio. Alguns oficiais e pessoal relacionados começaram a olhar nervosamente para o conteúdo das pastas na frente deles. Enquanto Mackenzie não ligava muito para Nelson, não havia como negar que a presença e a voz daquele homem comandaram o ambiente sem muito esforço.

"Aqui é onde nós estamos", disse Nelson. "A vítima é Hailey Lizbrook, uma stripper de Omaha. Trinta e quatro anos de idade, dois meninos, com idades entre nove e quinze. Pelo que podemos reunir, ela foi sequestrada antes de bater o ponto no trabalho, já que seu empregador diz que ela não apareceu na noite anterior. Imagens de segurança da Runway, seu local de trabalho, não mostram nada. Então, nós estamos trabalhando com a suposição de que ela foi levada de algum lugar entre o seu apartamento e o trabalho. Essa é uma área de sete milhas e meia—uma área em que temos atualmente alguns órgãos de inquérito com o Departamento de Polícia de Omaha neste momento."

Ele então olhou para Porter como se ele fosse um aluno premiado e disse:

"Porter, por que você não descreve a cena?"

É claro que ele escolheria o Porter.

Porter levantou-se e olhou ao redor da sala, como se para garantir que todos estava prestando muita atenção.

"A vítima foi amarrada a um poste de madeira com as mãos para trás. A visão de sua morte foi em uma clareira, em um milharal, há um pouco menos de uma milha da rodovia. Suas costas estavam cobertas com o que pareciam ser marcas de açoite, feitas por algum tipo de um chicote. Notamos impressões na terra que tinham a mesma forma e tamanho das franjas do açoite. Embora não saibamos com absoluta certeza, até o relatório do legista, temos bastante certeza de que este não foi um ataque sexual, mesmo a vítima estando sem as roupas íntimas e suas roupas desaparecidas".

"Obrigado, Porter", disse Nelson. "Por falar no legista, falei com ele ao telefone cerca de vinte minutos atrás. Ele diz que, enquanto ele não saberá ao certo até que a autópsia seja realizada. Mas acredita que a causa da morte é provavelmente perda de sangue ou algum tipo de trauma—provavelmente na cabeça ou no coração".

Seus olhos, em seguida, se voltaram para Mackenzie e havia muito pouco interesse neles quando ele perguntou: "Alguma coisa a acrescentar, White?"

"Os números", disse ela.

Nelson revirou os olhos na frente de toda a sala. Era um claro sinal de desrespeito, mas ela aguentou firme, determinada a colocar isso para fora na presença de todos, antes que ela pudesse ser cortada.

"Eu descobri o que parecem ser dois números, separados por uma barra, esculpidos na parte inferior do poste."

"Quais foram os números?" Um dos oficiais mais jovens da mesa perguntou.

"Números e letras, na verdade", disse Mackenzie. "N 511 e J 202. Eu tenho uma foto no meu telefone."

"Outras imagens estarão aqui em breve, assim que Nancy imprimi-las", disse Nelson. Ele falou rápida e forçadamente, deixando a sala saber que a questão dos números havia encerrado naquele momento.

Mackenzie ouviu Nelson enquanto ele falava sem parar sobre as tarefas que precisavam ser realizadas para cobrir a área de sete milhas e meia entre a casa de Hailey Lizbrook e a Runway. Mas ela escutava mais ou menos, na verdade. Sua mente continuava se lembrando do modo como o corpo da mulher tinha sido amarrado. Algo sobre a visão inteira do corpo imediatamente parecia quase familiar para ela, e isso ainda continuou preso na mente dela enquanto ela estava na sala de conferências.

Ela viu as breves anotações na pasta, esperando que algum pequeno detalhe pudesse desencadear algo em sua memória. Ela folheou as quatro páginas de informação, na esperança de descobrir alguma coisa. Ela já sabia tudo que estava na pasta, mas ela examinou os detalhes de qualquer maneira.

Uma mulher de trinta e quatro anos de idade, presumidamente morta na noite anterior. Chicotadas, cortes, várias escoriações nas costas, amarrada a um poste de madeira velha. A causa da morte presumidamente foi a perda de sangue ou possível trauma no coração. O método de amarração sugere possíveis implicações religiosas, enquanto o tipo físico da mulher sugere motivações sexuais.

Enquanto ela lia, algo clicou. Ela saiu um pouco, permitindo que sua mente pudesse ir para onde era necessário, sem a interferência de seus arredores.

Quando ela juntou os pontos, chegando à uma conexão que ela *esperava* estar errada a respeito, Nelson começou a relaxar.

"...E já que é tarde demais para que bloqueios nas rodovias sejam eficazes, nós temos que confiar principalmente em depoimentos de testemunhas, até mesmo no mais minucioso e aparentemente inútil detalhe. Agora, alguém tem mais alguma coisa a acrescentar? "

"Uma coisa, senhor", disse Mackenzie.

Ela poderia dizer que Nelson estava segurando um suspiro. Do outro lado da mesa, ela ouviu Porter fazer uma espécie de ruído de riso abafado. Ela ignorou tudo e esperou para ver como Nelson se dirigiria a ela.

"Sim, White?", ele perguntou.

"Eu recorro um caso de 1987, que foi semelhante a este. Eu tenho certeza que ele aconteceu fora de Roseland. A amarração foi a mesma, o tipo de mulher foi o mesmo. Estou bastante certa de que o método de espancamento foi o mesmo."

"1987?", Perguntou Nelson. "White, você já tinha nascido?"

Esse comentário foi recebido com uma suave risada de mais de metade da sala. Mackenzie imediatamente ignorou aquilo. Ela encontraria tempo para ficar envergonhada mais tarde.

"Ainda não", disse White, sem medo de criar uma confusão com ele. "Mas eu *li* o relatório."

"Você se esquece, senhor", disse Porter. "Mackenzie gasta seu tempo livre lendo casos arquivados. A menina é como uma enciclopédia ambulante desses casos."

Mackenzie percebeu imediatamente que Porter tinha se referido a ela pelo seu primeiro nome e a chamou de menina em vez de mulher. O triste era que ela não achava que ele estava ciente do desrespeito.

Nelson esfregou a cabeça e finalmente soltou o suspiro estrondoso que vinha crescendo. "1987? Você tem certeza?"

"Quase positivo."

"Roseland?"

"Ou seu entorno", disse ela.

"Ok", disse Nelson, olhando para o outro extremo da mesa onde uma mulher de meia-idade estava sentada, ouvindo diligentemente. Havia um laptop na frente dela, no qual ela discretamente estava digitando o tempo todo. "Nancy, você pode fazer uma pesquisa sobre isso no banco de dados?"

"Sim, senhor", disse ela. Ela começou a digitar algo no servidor interno da delegacia imediatamente.

Nelson lançou para Mackenzie outro olhar de desaprovação que essencialmente poderia ser traduzido em: *É melhor estar certa. Se não, você desperdiçou vinte segundos do meu valioso tempo.*

"Muito bem, rapazes e moças", disse Nelson. "Aqui está como vamos fazer isso. No momento em que esta reunião terminar, eu quero Smith e Berryhill indo para Omaha para ajudar a polícia local de lá. A partir daí, se necessário, vamos girar em pares. Porter e White, quero que vocês dois conversem com as crianças da falecida e com o empregador dela. Também estamos trabalhando para conseguir o endereço da irmã dela."

"Desculpe-me, senhor", disse Nancy, olhando por cima de seu computador.

"Sim, Nancy?"

"Parece que a Detetive White estava certa. Em outubro de 1987, uma prostituta foi encontrada morta e amarrada a um poste de madeira do lado de fora dos limites da cidade de Roseland. O arquivo que eu estou olhando diz que ela foi despida e açoitada severamente. Sem sinais de abuso sexual e sem motivo aparente."

A sala ficou em silêncio novamente à medida que muitas perguntas contundentes se calaram. Finalmente, foi Porter que falou e embora Mackenzie pudesse dizer que ele estava tentando julgar o caso, ela podia ouvir uma pitada de preocupação na voz dele.

"Isso foi há quase trinta anos", disse ele. "Eu chamaria isso de uma conexão inconsistente".

"Mas é uma conexão, mesmo assim", disse Mackenzie.

Nelson bateu com uma mão pesada em cima da mesa, com os olhos ardendo de raiva olhou para Mackenzie. "*Se houver uma conexão aqui, você sabe o que isso significa, certo?*"

"Isso significa que estamos lidando com um assassino em série", disse ela. "E mesmo a *ideia* de que podemos estar lidando com um assassino em série significa que precisamos considerar chamar o FBI."

"Ah, o inferno", disse Nelson. "Você está colocando *o carro na frente dos bois*. Você está colocando *o carro na frente de qualquer coisa*, na verdade."

"Com todo o respeito", disse Mackenzie, "vale a pena pensar nisso."

"E agora que o seu cérebro trouxe essa *ideia fixa* à nossa atenção, temos que pensar nisso", disse Nelson. "Vou fazer algumas ligações e colocar você envolvidas na averiguação. Por agora, vamos começar com as coisas que são relevantes e oportunas. Isso é tudo por agora, pessoal. Comecem a trabalhar já."

O pequeno grupo na mesa de conferências começou a se dispersar, pegando cada um a sua pasta. Quando Mackenzie começou a sair da sala, Nancy lhe deu um pequeno sorriso de reconhecimento. Foi o maior incentivo que Mackenzie havia recebido no trabalho em mais de duas semanas. Nancy era a recepcionista e, por vezes, a verificadora de informações de todo o recinto. Pelo que Mackenzie sabia, ela era um dos poucos membros mais velhos na força que não tinha nenhum problema com ela.

"Porter e White, esperem", disse Nelson.

Ela viu que Nelson estava agora mostrando um pouco da mesma preocupação que tinha visto e ouvido em Porter quando ele falou momentos atrás. Ele parecia quase doente por causa daquilo.

"Boa lembrança sobre o caso de 1987", disse Nelson para Mackenzie. Parecia machucá-lo fisicamente ter que fazer aquele elogio para ela. "*É um tiro no escuro. Mas faz você se perguntar...*"

"Se perguntar o quê?", perguntou Porter.

Mackenzie, ela não é de rodeios, respondeu para o Nelson.

"Por que ele decidiu voltar a agir agora", disse ela.

Depois ela acrescentou:

"E quando ele matará de novo."

CAPÍTULO TRÊS

Ele se sentou em seu carro, desfrutando do silêncio. A iluminação da rua lança um brilho fantasmagórico. Não havia muitos carros fora em uma hora tão tardia, tornando o ambiente estranhamente tranquilo. Ele sabia que qualquer um que estivesse fora nesta parte da cidade a essa hora estaria provavelmente preocupado ou fazendo suas transações em segredo. Isso tornou mais fácil para ele se concentrar no trabalho—O Bom Trabalho.

As calçadas estavam escuras, exceto pelo brilho néon ocasional de estabelecimentos decadentes. A figura bruta de uma mulher bem-dotada brilhava na janela do prédio que ele estava estudando. Isso cintilou como um farol em um mar tempestuoso. Mas não havia refúgio naqueles lugares—nenhum refúgio respeitável, de qualquer forma.

Enquanto estava sentado no seu carro, o mais longe possível das luzes da rua, ele pensava sobre a sua coleção em casa. Ele a tinha estudado de perto antes de sair hoje à noite. Havia restos de seu trabalho em sua pequena mesa: uma bolsa, um brinco, um colar de ouro, um pedaço de cabelo loiro colocado em um pequeno recipiente Tupperware. Eles eram lembretes, lembretes de que ele tinha sido escolhido para este trabalho. E que ele tinha mais trabalho para fazer.

Um homem saiu do edifício no lado oposto da rua, tirando-o de seus pensamentos. Observando atentamente, ele estava sentado ali e esperou pacientemente. Ele havia aprendido muito sobre paciência ao longo dos anos. Por isso, sabendo que ele agora deveria trabalhar rapidamente o deixou ansioso. E se ele não fosse preciso?

Ele não tinha escolha. O assassinato de Hailey Lizbrook já estava nos noticiários. As pessoas estavam procurando por ele—como se ele fosse o único a ter feito algo de ruim. Eles simplesmente não entendem. O que ele fez para aquela mulher tinha sido um presente.

Um ato de graça.

No passado, ele deixou passar muito tempo entre seus atos sagrados. Mas agora, havia uma urgência. Não havia muito o que fazer. Sempre havia mulheres lá—nas esquinas das ruas, em anúncios, na televisão.

No final, eles entenderiam. Eles entenderiam e eles lhe agradeceriam. Eles iriam lhe perguntar como ser puro, e ele iria abrir os seus olhos.

Momentos depois, a imagem de néon da mulher na janela escureceu. O brilho por trás das janelas acabou. O lugar ficou escuro, as luzes apagavam à medida que eles fechavam para a noite.

Ele sabia que isso significava que as mulheres estariam saindo a qualquer momento, se dirigindo até os seus carros e, em seguida, para casa.

Ele se dirigiu lentamente em torno do quarteirão. As luzes da rua pareciam persegui-lo, mas ele sabia que não havia olhos curiosos que pudessem vê-lo. Nesta parte da cidade, ninguém se importava.

Na parte de trás do edifício, a maioria dos carros eram legais. Ganhava-se um bom dinheiro para manter o corpo em exposição. Ele estacionou na borda distante do terreno e esperou um pouco mais.

Depois de um longo tempo, a porta de entrada e saída dos funcionários finalmente abriu. Duas mulheres saíram, acompanhadas por um homem que parecia ter trabalhado de segurança naquele lugar. Ele olhou para o segurança, se perguntando se ele poderia ser um problema. Ele tinha uma arma debaixo do assento que ele, com certeza usaria se precisasse, mas ele preferia não ter que usá-la. Ele ainda não tinha precisado usá-la. Na verdade, ele abominava armas. Havia algo de impuro sobre elas, algo quase indolente.

Finalmente, todos eles se separaram, entrando em seus carros para dirigi-los.

Ele observou outros surgirem, e em seguida, sentou-se. Ele podia sentir seu coração batendo. Aquela era ela. Aquela.

Ela era pequena, com o cabelo em um tom de loiro falso que balançava logo acima dos ombros. Viu-a entrar no carro e ele não avançou na direção dela até que suas luzes traseiras virassem a esquina.

Ele dirigiu para o outro lado do edifício, de modo a não chamar atenção para si. Ele chegou devagar por trás dela, seu coração começa a disparar. Instintivamente, ele estendeu a mão sob seu assento e sentiu o fio da corda. Ele aliviou seus nervos.

Ele se acalmou ao saber que, após a perseguição, chegaria o sacrifício.

E assim seria.

CAPÍTULO QUATRO

Mackenzie sentou no banco do passageiro, vários arquivos espalhados no colo, Porter ao volante, tocando os dedos ao ritmo de uma música dos Rolling Stones. Ele manteve o carro sintonizado na mesma estação de rock clássico que sempre ouvia durante a condução, e Mackenzie olhou para cima, irritada, a sua concentração finalmente havia se quebrado. Ela viu os faróis do carro fatiarem a estrada em oitenta milhas por hora, e perguntou para ele.

"Você pode, por favor, abaixar isso?", ela retrucou.

Normalmente, ela não se importa, mas ela estava tentando entrar no estado certo de espírito, para entender o estilo do assassino.

Com um suspiro e aceno de cabeça, Porter recusou o rádio. Ele olhou para ela com desdém.

"O que você está esperando encontrar, afinal?", ele perguntou.

"Eu não estou tentando *encontrar* coisa alguma", disse Mackenzie. "Eu estou tentando juntar as peças para entender melhor o tipo de personalidade do assassino. Se pudermos pensar como ele, temos uma chance muito melhor de encontrá-lo."

"Ou", disse Porter, "você pode apenas esperar até chegarmos à Omaha e falar com as crianças e com a irmã da vítima como Nelson nos disse."

Sem sequer olhar para ele, Mackenzie poderia dizer que ele estava lutando para manter algum comentário do tipo sábio. Ela tinha que lhe dar um pouco de crédito, supôs. Quando estavam apenas os dois na estrada ou em uma cena de crime, Porter mantinha as piadas e o comportamento degradante a um nível mínimo.

Ela ignorou Porter naquele momento e olhou para as anotações em seu colo. Ela estava comparando o caso de 1987 com o assassinato de Hailey Lizbrook. Quanto mais lia sobre eles, mais ela estava convencida de que eles haviam sido cometidos pelo mesmo rapaz. Mas o que a mantinha frustrada era não ter um motivo claro para o crime.

Ela olhou várias vezes os documentos, folheando páginas e revendo as informações. Ela começou a murmurar para si mesma, fazendo perguntas e afirmando fatos em voz alta. Era algo que ela tinha feito desde o ensino médio, uma peculiaridade que permaneceu com ela.

"Não há evidência de abuso sexual em ambos os casos," ela disse suavemente. "Não há similaridades óbvias entre as vítimas, além da profissão. Sem chance real de motivações religiosas. Por que não um, ao invés de apenas um mastro, se você tem um tema religioso? Os números estavam presentes em ambos os casos, mas os números não mostram qualquer significado claro para os assassinatos."

"Não leve a mal", disse Porter, "mas eu realmente prefiro ouvir os Stones."

Mackenzie parou de falar em voz alta, em seguida, percebeu que a luz de notificação estava piscando em seu telefone. Depois que ela e Porter saíram, ela mandou um e-mail para a Nancy e a pediu para fazer algumas pesquisas rápidas com os termos *mastro*, *stripper*, *prostituta*, *garçonete*, *milho*, *chicotes*, e a sequência de números *N511/J202* de casos de assassinato nos últimos trinta anos. Quando Mackenzie verificou seu telefone, ela viu que Nancy, como de costume, agiu rapidamente.

O e-mail que Nancy tinha enviado de volta era: *Pouca informação, estou receosa. Anexeí os resumos sobre os poucos casos que encontrei, portanto. Boa sorte!*

Havia apenas cinco anexos e Mackenzie foi capaz de olhá-los muito rapidamente. Três deles claramente não tinham nada a ver com o assassinato de Lizbrook ou com o caso de 87. Mas os outros dois foram interessantes o suficiente para, pelo menos, serem considerados.

Um deles era um caso de 1994, onde uma mulher havia sido encontrada morta atrás de um celeiro abandonado em uma área rural cerca de oitenta milhas fora de Omaha. Ela havia sido amarrada a um mastro de madeira e acredita-se que seu corpo ficou ali pelo menos seis dias antes de ser descoberto.

O corpo dela tinha ficado duro e um alguns animais—acreditavam ser lince—tinham começado a comer suas pernas. A mulher tinha uma ficha criminal extensa, incluindo duas prisões por aliciamento sexual. Novamente, não houve sinais claros de abuso sexual e ao mesmo tempo havia chicotadas nas costas, não eram tão extensas quanto as que tinham encontrado em Hailey Lizbrook. O resumo sobre o assassinato não disse nada sobre os números encontrados no mastro.

O segundo arquivo talvez relacionado, é o caso de uma menina de dezenove anos de idade que havia sido sequestrada pois ela não voltou para casa para as férias de Natal de seu primeiro ano na Universidade de Nebraska, em 2009. Quando seu corpo foi descoberto em um campo vazio três meses depois, parcialmente enterrada, havia chicotadas em suas costas. As imagens depois vazaram para a imprensa, mostrando a jovem nua e envolvida em algum tipo de festa sexual escabrosa em uma casa das casas da fraternidade. As fotos foram tiradas uma semana antes da notícia de seu desaparecimento.

O último caso foi um pouco fora, mas Mackenzie pensou que eles poderiam estar potencialmente ligados ao caso de assassinato de 87 e Hailey Lizbrook.

"O que você tem aí?", Perguntou Porter.

"Nancy me enviou resumos de alguns outros casos que possam estar ligados."

"Alguma coisa boa?"

Ela hesitou, mas depois o informou sobre as duas ligações potenciais. Quando ela terminou, Porter balançou a cabeça, enquanto olhava para a noite. Passaram por uma placa que dizia que Omaha estava há vinte e duas milhas à frente.

"Eu acho que você *força a barra*, às vezes", disse Porter. "Você trabalha para *caralho* e um monte de pessoas têm conhecimento disso. Mas vamos ser honestos: não importa o quanto você *forçar a barra*, nem todo caso tem um enorme link que criará um caso monstro para você".

"Então, me acalme", disse Mackenzie. "Neste exato momento, o que o seu instinto diz sobre este caso? Com o que estamos lidando? "

"É apenas um criminoso básico com traumas da mamãe", Porter disse com desdém. "Se falarmos com um número suficiente de pessoas, vamos encontrá-lo. Toda esta análise é um desperdício de tempo. Você não encontra pessoas entrando na cabeça delas. Você as encontra, fazendo perguntas. Trabalho de rua. De porta em porta. Testemunha por testemunha."

Assim que eles caíram no silêncio, Mackenzie começou a se preocupar com o quão simplista era a visão de mundo dele, como preto e branco. Ele não deixou espaço para nuances, para qualquer coisa fora de suas crenças pré-determinadas. Ela pensou que o psicopata com quem estavam lidando era demasiadamente sofisticado para esse tipo de mentalidade.

"Qual é a *sua* opinião sobre o nosso assassino?", Ele finalmente perguntou.

Ela poderia detectar ressentimento em sua voz, como se ele realmente não quisesse perguntar a ela, mas o silêncio tinha conseguido incitar o melhor dele.

"Eu acho que ele odeia as mulheres pelo que elas representam", ela disse suavemente, pensando a respeito enquanto falava. "Talvez ele seja um virgem de cinquenta anos, que pensa que o sexo é vulgar e—no entanto, também tem essa necessidade de sexo. Matar mulheres o faz sentir como se ele estivesse dominando seus próprios instintos, os instintos que ele vê como vulgares e desumanos. Se ele consegue eliminar a fonte de onde esses impulsos sexuais vêm, ele se sente no controle. As chicotadas nas costas indicam que ele está praticamente punindo essas moças, provavelmente por causa da natureza provocativa delas. Depois, há o fato de que não há sinais de abuso sexual. Fico me perguntando se isso é algum tipo de tentativa de purificação, na visão do assassino".

Porter sacudiu a cabeça, quase como um pai decepcionado.

"É disso que eu estou falando", disse ele. "Uma perda de tempo. Você está forçando tanto a barra que você nem sabe mais o que pensar—e nada disso irá nos ajudar. Não dá para ver a floresta a partir das árvores".

O silêncio constrangedor os cobriu novamente. Aparentemente cansado de falar, Porter aumentou o volume do rádio.

Durou apenas alguns minutos, porém. Ao se aproximarem de Omaha, Porter diminuiu o volume do rádio de novo, mas dessa vez sem ser solicitado. Porter se pronunciou e quando o fez, ele parecia nervoso, mas Mackenzie também pôde sentir o esforço que ele estava fazendo para soar como o único responsável pelo caso.

"Você já entrevistou crianças depois que elas perderam um dos pais?", perguntou Porter.

"Uma vez", disse ela. "Depois de um tiroteio. Um menino de onze anos de idade".

"Eu também tive poucas experiências do tipo. Não é nada divertido."

"Não, não é", Mackenzie concordou.

"Bem, veja, nós estamos prestes a fazer perguntas para dois meninos sobre a sua mãe morta. O assunto sobre onde ela trabalha virá à tona. Temos de tocar no assunto com muito tato—sem trocadilhos."

Ela se irritou. Ele estava fazendo aquilo, falando daquele jeito com ela, como se ela fosse uma criança.

"Deixe-me liderar. Você pode ser o ombro reconfortante se eles começarem a chorar. Nelson disse que a irmã dela também estará lá, mas eu não imagino que ela seja uma fonte confiável de conforto. Ela, provavelmente, estará tão devastada quanto as crianças."

Mackenzie, na verdade, não achou que foi a melhor ideia. Mas também sabia que, porque Porter e Nelson foram envolvidos, ela precisava escolher suas batalhas sabiamente. Então, se Porter queria se encarregar de perguntar as duas crianças de luto sobre sua mãe morta, ela o deixaria ter essa *mensagem* estranha do ego.

"Como quiser", ela disse com os dentes cerrados.

O carro ficou em silêncio novamente. Desta vez, Porter manteve o rádio ligado bem baixo, os únicos sons eram provenientes do passar de páginas no colo de Mackenzie. Havia uma história maior naquelas páginas e documentos que Nancy havia enviado; Mackenzie tinha certeza disso.

Claro, para a história ser contada, todos os personagens precisavam ser revelados. E, por enquanto, o personagem central ainda estava se escondendo nas sombras.

O carro diminuiu a velocidade e Mackenzie levantou a cabeça quando eles viraram em um quarteirão tranquilo. Ela sentiu um vazio familiar em seu estômago, e desejou estar em qualquer outro lugar que não fosse ali.

Eles estavam prestes a falar com os filhos de uma mulher morta.

CAPÍTULO CINCO

Mackenzie ficou surpreso ao entrar no apartamento de Hailey Lizbrook; não era o que ela esperava. Ele era limpo e arrumado, o mobiliário bem posicionado e espanado. A decoração tinha muito de uma mulher doméstica, até as canecas de café com provérbios bonitos e os pegadores de panela pendurados em ganchos ornamentados pelo fogão. Era evidente que ela organizava tudo muito bem, até os cortes de cabelo e pijamas de seus filhos.

Era muito parecido com a família e a casa que ela sempre sonhou em ter.

Mackenzie lembrou a partir dos arquivos que os meninos tinham nove e quinze anos; o mais velho era Kevin e o mais novo era Dalton. Estava claro para ela que Dalton tinha chorado muito, seus olhos azuis estavam rodeados com aros de manchas vermelhas inchadas.

Kevin, por outro lado, parecia mais irritado do que qualquer outra coisa. Assim que se acomodaram e Porter assumiu a liderança, estava perfeitamente claro que Porter tentava falar com eles em um tom que era algo entre ser condescendente e um professor pré-escolar se esforçando muito. Mackenzie estremeceu por dentro quando Porter falou.

"Agora eu preciso saber se sua mãe tinha amigos homens", disse Porter.

Ele estava no centro da sala, enquanto os rapazes estavam sentados no sofá. A irmã de Hailey, Jennifer, estava de pé na cozinha adjacente, fumando um cigarro ao lado do fogão com o exaustor em funcionamento.

"Quer dizer, um namorado?", perguntou Dalton.

"Claro, isso poderia ser um amigo do sexo masculino", disse Porter. "Mas eu nem sequer quis dizer isso. Qualquer homem com quem ela poderia ter falado mais de uma vez. Mesmo alguém como um carteiro ou alguém do supermercado."

Ambos os rapazes estavam olhando para Porter como se estivessem que ele fizesse um truque de magia, ou talvez, até mesmo entrasse em combustão espontânea. Mackenzie estava fazendo o mesmo. Ela nunca o tinha ouvido usar um tom tão leve. Era quase engraçado ouvir um tom tão suave sair da boca dele.

"Não, acho que não", disse Dalton.

"Não", Kevin concordou. "E ela não tinha namorado, também. Não que eu saiba. "

Mackenzie e Porter olharam para Jennifer que estava perto do fogão para uma resposta. Tudo o que eles conseguiram como resposta foi um encolher de ombros. Mackenzie tinha certeza de que Jennifer estava em algum tipo de choque. Isso a fez se perguntar se poderia haver outro membro da família que pudesse cuidar destes rapazes por um tempo, uma vez que Jennifer certamente não parecia ser uma guardiã adequada naquele momento.

"Bem, e sobre as pessoas com as quais vocês e sua mãe não se davam bem?", Perguntou Porter. "Alguma vez vocês ouviram ela discutindo com alguém?"

Dalton somente sacudiu a cabeça. Mackenzie tinha certeza de que o garoto estava à beira das lágrimas novamente. Quanto a Kevin, ele revirou os olhos ao olhar diretamente para Porter.

"Não", disse ele. "Não somos burros. Sabemos o que você está tentando nos perguntar. Você quer saber se podemos pensar em alguém que poderia ter matado a nossa mãe. Certo?"

Porter parecia ter levado um soco no estômago. Ele olhou nervosamente para Mackenzie mas conseguiu recuperar a compostura rapidamente.

"Bem, sim", disse ele. "Isso é o que eu estou tentando. Mas está claro que vocês não têm nenhuma informação. "

"Ah é?", disse Kevin.

Houve um momento de tensão, onde Mackenzie estava certa de que Porter seria duro com o garoto. Kevin estava olhando para Porter com dor em sua expressão, quase desafiando Porter a fazer o melhor que pudesse.

"Bem", Porter disse: "Eu acho que nós lhe incomodamos o suficiente, meninos. Obrigado pelo seu tempo".

"Espere", disse Mackenzie, a objeção saiu da boca dela antes que ela fosse capaz de pensar em pará-la.

Porter lhe deu uma olhada capaz de derreter cera. Ficou claro que ele sentia que eles estavam perdendo tempo falando com esses dois filhos angustiados—especialmente um de quinze anos de idade, que tinha claramente problemas com autoridade. Mackenzie ignorou sua expressão e ajoelhou-se ao nível dos olhos de Dalton.

"Escute, você acha que poderia ficar na cozinha com sua tia por um segundo?"

"Sim", Dalton disse, sua voz era áspera e macia.

"Detetive Porter, por que você não vai com ele?"

Mais uma vez, o olhar de Porter na direção dela estava cheio de ódio. Mackenzie olhou de volta para ele, inflexível. Ela fez uma expressão inflexível como pedra e estava determinada a ficar firme desta vez. Se ele queria discutir, eles teriam uma conversinha lá fora. Mas ficou claro que, mesmo em uma situação com duas crianças e uma mulher praticamente catatônica, ele não queria ser constrangido.

"Claro", ele finalmente disse entre os dentes.

Mackenzie esperou um momento enquanto Porter e Dalton entravam na cozinha.

Mackenzie voltou e ficou de pé. Ela sabia que aos doze anos de idade ou mais, a tática de ficar ao nível dos olhos da criança já não funcionava.

Ela olhou para Kevin e viu que a provocação que ele tinha mostrado a Porter ainda estava lá. Mackenzie não tinha nada contra os adolescentes, mas ela sabia que eles eram, muitas vezes, difíceis de trabalhar—especialmente no meio de circunstâncias trágicas. Mas ela tinha visto como Kevin tinha respondido Porter e pensou que ela poderia saber como se aproximar dele.

"Fale para mim a verdade, Kevin", disse ela. "Você sente que nós aparecemos cedo demais? Você acha que nós estamos sendo precipitados, fazendo perguntas logo depois de vocês terem recebido a notícia sobre sua mãe?"

"Mais ou menos", disse ele.

"Você apenas não sente vontade de falar agora?"

"Não, eu posso falar", disse Kevin. "Mas esse cara é um idiota."

Mackenzie sabia que essa era sua chance. Ela poderia ter uma abordagem profissional, formal, como ela normalmente fazia—ou ela poderia usar esta oportunidade para estabelecer um relacionamento com um adolescente irritado. Adolescentes, ela sabia, acima de tudo, estimavam honestidade. Eles podiam ver através de qualquer coisa quando conduzidos pela emoção.

"Você está certo", disse ela. "Ele é um mané."

Kevin olhou para ela, com os olhos arregalados. Ele olhou para ela atordoado; claramente, ele não esperava essa resposta.

"Mas isso não muda o fato de que eu tenho que trabalhar com ele", acrescentou ela, com a voz em camadas de simpatia e compreensão. "Isso também não muda o fato de que ambos estamos aqui para ajudá-los."

Queremos encontrar quem fez isso com sua mãe. Concorda? "

Ele ficou em silêncio por um longo tempo; então, finalmente, ele acenou de volta.

"Você acha que você poderia conversar comigo, então?", Perguntou Mackenzie. "Apenas algumas perguntas rápidas e depois vamos embora."

"E quem virá depois?" Kevin perguntou, cauteloso.

"Honestamente?"

Kevin balançou a cabeça e ela viu que ele estava à beira das lágrimas. Ela se perguntou se ele as estava segurando durante todo este tempo, tentando ser forte para o seu irmão e sua tia.

"Bem, depois de sairmos, vamos coletar todas as informações que pudermos obter e, em seguida, o serviço social virá para se certificar de que sua tia Jennifer é a pessoa adequada para cuidar de vocês enquanto os arranjos finais para a sua mãe são feitos."

"Ela é legal na maioria das vezes," Kevin disse, olhando para Jennifer. "Mas ela e minha mãe eram realmente próximas. Como melhores amigas."

"Irmãs podem ser assim", disse Mackenzie, sem ter ideia se era verdade ou não. "Mas, por agora, eu preciso ver se você pode se concentrar em minhas perguntas. Você pode fazer isso?"

"Sim."

"Boa. Agora, eu odeio ter que lhe perguntar isso, mas é necessário. Você sabe qual era o trabalho da sua mãe?"

Kevin balançou a cabeça enquanto o seu olhar caiu direto no chão.

"Sim", disse ele. "E eu não sei como, mas as crianças na escola sabem disso também. O pai tarado de alguém, provavelmente foi ao clube a viu e a reconheceu, ou algo assim. É foda. Eu era zoadado o tempo todo."

Mackenzie não podia imaginar aquele tipo de tormento, mas isso fez ela dever muito mais respeito à Hailey Lizbrook. Claro, ela tirava a roupa à noite por dinheiro, mas durante o dia ela era aparentemente uma mãe que estava envolvida com seus filhos.

"Ok", disse Mackenzie. "Então, sabendo sobre seu trabalho, você pode imaginar o tipo de homens que vão a esses lugares, certo?"

Kevin balançou a cabeça, e Mackenzie viu a primeira lágrima deslizar para baixo da sua bochecha esquerda. Ela quase estendeu a mão para pegar a mão dele como um sinal de conforto, mas ela não queria contrariá-lo.

"Eu preciso que você pense se já aconteceu de sua mãe chegar em casa muito chateada ou brava com alguma coisa. Eu preciso que você também pense sobre todos os homens que podem ter... bem, qualquer homem que poderia ter vindo para casa com ela."

"Ninguém nunca chegou em casa com ela", disse ele. "E eu quase nunca vi a mamãe com raiva ou chateada com nada. A única vez que eu a vi louca foi quando ela estava lidando com os advogados no ano passado."

"Advogados?", perguntou Mackenzie. "Você sabe por que ela estava conversando com advogados?"

"Mais ou menos. Eu sei que algo aconteceu no trabalho uma noite e fez ela acabar falando com alguns advogados. Ouvi partes de quando ela estava no telefone. Tenho certeza de que ela estava falando com eles sobre uma ordem judicial."

"E você acha que isso foi em relação ao local onde ela trabalhava?"

"Eu não sei", disse Kevin. Ele parecia ter se animado um pouco, uma vez que parecia que ele tinha dito algo que poderia servir de ajuda. "Mas eu acho que sim."

"É uma grande ajuda, Kevin", disse Mackenzie. "Você acha que existe mais alguma alternativa?"

Ele balançou a cabeça lentamente e então olhou nos olhos do Mackenzie. Ele estava tentando manter-se forte, mas havia tanta tristeza nos olhos do menino que Mackenzie não tinha ideia de como ele conseguia ainda se manter firme.

"Mamãe tinha vergonha disso, sabe?", Disse Kevin. "Ela trabalhava em casa durante o dia. Ela era um tipo de escritora técnica, fazendo sites e outras coisas. Mas eu não acho que ela estava fazendo muito dinheiro. Ela fez fazia as outras coisas para ter mais dinheiro, porque o nosso pai... bem, ele se separou dela há muito tempo. Ele nunca mais enviou dinheiro. Então, a mamãe... ela teve que pegar esse outro trabalho. Ela fazia isso por mim e pelo Dalton e ..."

"Eu sei", disse Mackenzie, e desta vez ela se aproximou dele. Ela colocou a mão em seu ombro e ele pareceu estar agradecido. Ela também sentiu que ele queria desabar em lágrimas, mas provavelmente não faria isso na frente de estranhos.

"Detetive Porter," Mackenzie disse, e ele saiu do outro cômodo, olhando fixamente para ela. "Você ainda quer perguntar algo?" Ela balançou a cabeça sutilmente, esperando que ele entendesse.

"Não, eu acho que está bem assim", disse Porter.

"Ok", disse Mackenzie. "Mais uma vez, pessoal, muito obrigada pelo seu tempo."

"Sim, obrigado", disse Porter, juntando-se à Mackenzie na sala de estar. "Jennifer, você tem o meu número, por isso, se você pensar em qualquer coisa que possa nos ajudar, não hesite em ligar. Mesmo o menor detalhe poderá ser útil."

Jennifer balançou a cabeça e soltou um rouco, "Obrigada."

Mackenzie e Porter saíram, descendo um conjunto de degraus de madeira e indo para o estacionamento do complexo de apartamentos. Quando estavam à uma distância segura do apartamento, Mackenzie diminuiu a distância entre eles. Ela podia sentir a imensa raiva saindo dele em forma de calor, mas ignorou.

"Eu tenho uma pista", disse ela. "Kevin disse que sua mãe estava trabalhando para a apresentação de uma ordem judicial contra alguém no trabalho no ano passado. Ele disse que foi a única vez que ele a viu brava ou chateada com alguma coisa".

"Bom", disse Porter. "Isso significa que algo de bom saiu de você, além de me prejudicar."

"Eu não prejudico você", disse Mackenzie. "Eu simplesmente vi uma situação desmoronando entre você e o filho mais velho, então eu entrei em cena para resolvê-la."

"Besteira", disse Porter. "Você me fez parecer fraco e inferior na frente dessas crianças e da tia."

"Isso não é verdade", disse Mackenzie. "E mesmo se fosse verdade, o que importa? Você estava conversando com as crianças como se elas fossem idiotas que mal pudessem compreender a própria língua."

"Suas ações eram um claro sinal de desrespeito", disse Porter. "Deixe-me lembrá-la que eu estou neste trabalho por mais tempo do que você está viva. Se eu precisar de você para entrar em cena para me ajudar, inferno, eu vou lhe dizer."

"Você acabou com a conversa, Porter", ela respondeu. "Acabou, se lembra? Não havia mais nada para minar. Era a sua vez. E você não foi bem."

Tinham chegado no carro agora e quando Porter bateu o alarme, ele olhou para o teto do carro, seus olhos queimavam de raiva por causa de Mackenzie.

"Quando voltarmos ao posto, eu procurarei pelo Nelson e farei um pedido para ser transferido. Eu estou farto deste desrespeito."

"Desrespeito", Mackenzie disse, balançando a cabeça. "Você nem sabe o que essa palavra significa. Você deveria começar reparando no jeito como me trata."

Porter soltou um suspiro trêmulo e entrou no carro, sem dizer mais nada. Decidida a não se deixar levar pelo clima tenso de Porter, Mackenzie também entrou. Ela olhou de volta para o apartamento e se perguntou se Kevin já havia se permitido chorar. No geral, a rixa que existia entre ela e Porter não parecia tão significativa.

"Você quer chamá-lo?", perguntou Porter, claramente chateado por ter sido passado para trás.

"Sim", ela disse, tirando seu telefone. Quando ela puxou o número de Nelson, não podia negar a satisfação progressiva que estava se construindo dentro dela. Uma ordem judicial feita há um ano e agora Hailey Lizbrook estava morta.

Temos o bastardo, pensou.

Mas, ao mesmo tempo, ela também não resistiu em se perguntar se a solução seria assim tão fácil.

CAPÍTULO SEIS

Mackenzie finalmente chegou em casa às 10:45, estava exausta. O dia tinha sido longo e exaustivo, mas ela sabia que não seria capaz de dormir por um bom tempo. Sua mente estava muito focada na pista que o Kevin Lizbrook tinha fornecido. Ela informou o Nelson e ele lhe assegurou que alguém ligaria para o clube de strip e para o escritório de advocacia de Hailey Lizbrook para conseguir a ordem judicial dela.

Com a mente disparando em centenas de direções, Mackenzie colocou uma música, pegou uma cerveja na geladeira, e preparou um banho. Ela não gostava de banheiras, mas esta noite cada músculo do seu corpo estava demasiadamente tenso. À medida que a banheira se enchia de água, ela caminhou pela casa e organizou o lugar, de onde Zack tinha, aparentemente, esperado até o último minuto para ir trabalhar novamente.

Ela e Zack começaram a morar juntos há pouco mais de um ano, tentando tomar todas as medidas possíveis no relacionamento para impedir um casamento ao máximo. Mackenzie sentiu que estava pronta para se casar, mas Zack parecia aterrorizado com a ideia. Eles estavam juntos há três anos e, enquanto os dois tinham sido ótimos, a última parte da relação tinha sido baseada em monotonia e no medo de Zack de ficar sozinho ou se casar. Se ele pudesse ficar *em cima do muro*, com Mackenzie logo abaixo como sua rede de proteção, ele ficaria feliz.

Ao pegar dois pratos sujos da mesa de café e passar por cima de um CD de Xbox que estava no chão, Mackenzie se perguntou se talvez havia chegado a hora de acabar com aquilo. Mais do que isso, ela não tinha certeza de que se casaria com Zack se ele a pedisse em casamento amanhã. Ela o conhecia muito bem; ela já tinha visualizado como seria estar casada com ele, e francamente, não era muito promissora a ideia.

Ela estava presa em um relacionamento sem saída, com um parceiro que não a apreciava. Da mesma forma, ela percebeu, estava presa em um trabalho com colegas que não gostam dela. Sua vida inteira se sentindo presa. Ela sabia que mudanças precisavam ser feitas, mas pareciam muito intimidadoras para ela. E fonte de um certo nível de exaustão, ela simplesmente não tinha a energia para isso.

Mackenzie retirou-se para o banheiro e fechou a água. Ondas de vapor saíam de dentro da água, como um convite. Ela ficou nua, olhando para si mesma no espelho e se tornando cada vez mais consciente de que ela havia perdido oito anos de sua vida com um homem que não tinha nenhum desejo real de ter uma vida com ela. Ela sentiu que era atraente de um jeito simples. Seu rosto era lindo (talvez mais quando ela usava o cabelo com um rabo de cavalo) e ela tinha uma imagem vigorosa, um pouco magra e musculosa. Sua barriga era chapada e dura—tanto que Zack, às vezes, brincava falando que sua barriga era um pouco intimidante.

Ela escorregou na banheira, a cerveja repousava sobre a pequena mesa de toalhas ao lado dela. Ela soltou um suspiro profundo e deixou a água quente fazer o seu trabalho. Ela fechou os olhos e relaxou o melhor que pôde, mas a imagem dos olhos de Kevin Lizbrook voltava à sua memória como um *loop* constante. A quantidade de tristeza neles era quase insuportável, falando de uma dor que Mackenzie havia conhecido uma vez, mas que tinha conseguido empurrar para longe do seu coração.

Ela fechou os olhos e cochilou, a imagem a assombrava o tempo todo. Ela sentiu uma presença palpável, como se Hailey Lizbrook estivesse ali com ela agora, pedindo para que ela resolva o mistério de seu assassinato.

*

Zack chegou em casa uma hora mais tarde, recém-saído de um turno de doze horas em uma fábrica têxtil local. Toda vez Mackenzie sentia o cheiro de sujeira, suor e graxa que vinha dele, ela se lembrava de como Zack tinha pouca ambição. Mackenzie não tinha problema com o trabalho em si; era um trabalho respeitável feito para homens criados para o trabalho duro e dedicação. Mas Zack tinha era bacharel, ele tinha a intenção de conseguir um lugar no programa de mestrado para se tornar um professor. Esse plano terminou há cinco anos e ele ficou preso no papel de gerente de turnos na fábrica têxtil desde então.

Mackenzie estava em sua segunda cerveja no momento em que ele entrou, estava sentada na cama e lendo um livro. Ela achou que adormeceria por volta das três ou mais; faltavam sólidas cinco horas antes de partir para o trabalho às nove da manhã seguinte. Ela nunca ligou muito para o sono e descobriu que nas noites em que dormia mais de seis horas, ela ficava letárgica e irritada no dia seguinte.

Zack entrou no cômodo com suas roupas sujas de trabalho. Ele chutou os sapatos ao lado da cama enquanto ele a olhava. Ela estava usando um top e shorts de ciclista.

"Oi, querida", ele disse, seus olhos observavam ela inteira. "Então, é bom vir para casa."

"Como foi seu dia?", ela perguntou, mal olhando para ele por cima de seu livro.

"Foi tudo bem", disse ele. "Então eu cheguei em casa e a vi *assim* e o dia ficou muito melhor." Com isso, ele se arrastou para a cama e diretamente em sua direção. Sua mão foi para a lateral do rosto dela quando ele se inclinou para um beijo.

Ela deixou cair o livro e se afastou imediatamente. "Zack, você está louco?", perguntou ela.

"O quê?", ele perguntou, claramente confuso.

"Você está absolutamente imundo. E nem pensou em tomar um banho, você está passando sujeira e gordura e só Deus sabe o que mais para os lençóis. "

"Ah, meu Deus," Zack disse, irritado. Ele rolou para fora da cama, propositadamente se cobrindo o máximo que podia. "Por que você é tão rígida?"

"Eu não sou rígida", disse ela. "Eu só prefiro não viver em um chiqueiro. Aliás, obrigada pela limpeza feita antes de sair para o trabalho ".

"Nossa, é tão bom estar em casa", Zack zombou, entrando no banheiro e fechando a porta.

Mackenzie suspirou e engoliu logo o resto de sua cerveja. Ela então olhou através do cômodo onde as botas de trabalho sujas de Zack ainda estavam no chão—onde elas ficariam até o dia seguinte. Ela também sabia que, quando ela se levantasse de manhã e fosse para o se aprontar, ela encontraria as roupas sujas dele em uma pilha no chão.

Vá para o inferno, pensou, voltando ao seu livro. Ela leu apenas algumas páginas, enquanto ouvia a água do banho de Zack. Ela, então, largou o livro de lado e voltou para a sala de estar. Ela pegou sua pasta, levou-a para o quarto, e tirou os arquivos mais atualizados sobre o assassinato de Lizbrook que ela havia recuperado no posto antes de vir para casa. Por mais que ela quisesse descansar, mesmo por algumas horas, ela não conseguiria.

Ela olhou os arquivos, vasculhando por qualquer detalhe que pudesse ter sido negligenciado. Quando ela estava certa de que tudo tinha sido analisado, ela mais uma vez viu os olhos cheios de lágrimas de Kevin e isso a impulsionou a olhar novamente.

Mackenzie estava tão encantada com os arquivos que ela não percebeu Zack entrando no cômodo. Ele cheirava muito melhor agora e, com apenas uma toalha em torno de sua cintura, parecia muito melhor, também.

"Desculpe-me pelos lençóis," Zack disse, quase distraidamente, enquanto ele deixou cair a toalha e deslizou para dentro de uma cueca boxer. "Eu... Eu não sei... Eu não me lembro da última vez que você realmente prestou atenção em mim."

"Você quer dizer sexo?", perguntou ela. Surpreendentemente, ela descobriu que ela estava, na verdade, a fim de sexo. Poderia ser o que ela precisava para finalmente relaxar e dormir.

"Não apenas sexo", disse Zack. "Eu quero dizer *qualquer* tipo de atenção. Eu chego em casa e você já está dormindo ou olhando casos do seu trabalho."

"Bem, isso foi depois de eu ter juntado o seu lixo do dia", disse ela. "Você vive como um menino que está esperando a mamãe limpar a bagunça dele. Então sim, às vezes, mergulho no trabalho para esquecer o quão frustrante você pode ser".

"Então isso de novo?", ele perguntou.

"De novo o quê?"

"De novo você usando o trabalho como uma forma de me ignorar."

"Eu não uso o trabalho como uma maneira de ignorá-lo, Zack. Neste momento, estou mais preocupada em descobrir quem brutalmente matou a mãe de dois meninos do que ter certeza de que você tem a atenção que precisa."

"Isso aí", disse Zack, "é por isso que eu não tenho pressa para me casar. Você já está casada com o seu trabalho."

Havia cerca de mil observações que ela poderia cuspir de volta para ele, mas Mackenzie sabia que não fazia nenhum sentido. Ela sabia que ele estava, de certa forma, certo. Quase todas as noites, ela achava os casos que trazia para casa mais interessantes do que Zack. Ela ainda o amava, sem dúvidas, mas não havia nada novo na vida dele—nenhum desafio.

"Boa noite", disse ele amargamente enquanto se arrastou para a cama.

Ela olhou para as costas nuas dele e se perguntou se era, de alguma forma, sua responsabilidade dar-lhe atenção. Isso faria dela uma boa namorada? Isso faria dela um melhor investimento para um homem que tinha pavor de casamento?

Com a ideia de sexo agora como um impulso esquecido, Mackenzie simplesmente deixou para lá e voltou para os arquivos do caso.

Se sua vida pessoal tinha que ficar em segundo plano, então que assim seja. Esta vida, a vida do caso, parecia mais real para ela de qualquer forma.

*

Mackenzie entrou no quarto dos pais, e antes de passar pelo batente da porta, ela sentiu o cheiro de algo que fez o seu estômago de criança de sete anos de idade contrair. Era uma espécie de cheiro picante, lembrando-a do interior do seu cofrinho—um cheiro como o cobre das moedas.

Ela entrou no quarto e viu o pé da cama, uma cama que sua mãe não dormia há cerca de ano por aí—uma cama que parecia grande demais para apenas o seu pai.

Ela o viu lá, pernas balançando do lado da cama, braços espalhados como se estivesse tentando voar. Havia sangue por toda parte: na cama, na parede, até mesmo no teto. Sua cabeça estava virada para a direita, como se ele estivesse olhando para longe dela.

Ela imediatamente soube que ele estava morto.

Ela deu um passo em direção a ele, os pés descalços pisando por cima de manchas grudentas de sangue, ela não queria se aproximar mas precisava.

"Papai", ela sussurrou, já chorando.

Ela estendeu a mão, aterrorizada, mas atraída como um ímã.

De repente, ele se virou e olhou para ela, ainda morto.

Mackenzie gritou.

Mackenzie abriu os olhos e olhou ao redor do quarto em um lampejo de confusões. Os dossiês estavam em seu colo, espalhados. Zack estava dormindo ao seu lado, ainda de costas para ela. Ela respirou fundo, limpando o suor da testa. Foi apenas um sonho.

E então ela ouviu o rangido.

Mackenzie congelou. Ela olhou para a porta do quarto e lentamente saiu da cama. Ela ouviu o ranger de uma tábua fraca da sala de estar, um som que ela só ouvia quando alguém estava andando na sala de estar. Claro, ela estava dormindo e, no meio de um pesadelo, mas ela tinha *sim* ouvido aquele barulho.

Não tinha?

Ela saiu da cama e agarrou sua arma de trabalho que estava no topo de sua cômoda onde ficavam o seu distintivo e uma bolsa pequena. Ela calmamente inclinou-se em torno do batente da porta e foi para o corredor. O brilho ambiente dos postes da rua era filtrado pelas persianas da sala, revelando um cômodo vazio.

Ela entrou no cômodo, segurou a arma em uma posição ofensiva. Seu instinto lhe dizia que não havia ninguém lá, mas ela ainda assim tremia. Ela sabia que tinha ouvido o assoalho rangendo. Ela caminhou para a área da sala de estar, em frente da mesa de café, e ouviu o ranger.

Do nada, a imagem de Hailey Lizbrook cruzou sua mente. Ela viu as chicotadas nas costas da mulher e as impressões na terra. Ela estremeceu. Ela olhou em silêncio para a arma em suas mãos e tentou se lembrar da última vez em que um caso havia lhe envolvido tanto. Que diabos ela estava pensando? Que o assassino estava em sua sala de estar, se aproximando sorrateiramente dela?

Irritada, Mackenzie voltou para o quarto. Ela calmamente colocou a arma de volta no topo do móvel e foi para o seu lado na cama.

Ainda se sentindo um pouco assustada e com os restos de seu sonho flutuando em sua cabeça, Mackenzie deitou-se. Ela fechou os olhos e tentou encontrar o sono novamente.

Mas ela sabia que seria difícil chegar lá. Ela sabia que estava atormentada, pelos vivos e pelos mortos.

CAPÍTULO SETE

Mackenzie não se lembrava de um tempo em que o posto estivesse tão caótico. A primeira coisa que viu quando entrou pela porta da frente foi Nancy correndo pelo corredor até o escritório de alguém. Ela nunca tinha visto Nancy se movimentando tão rapidamente. Além disso, havia olhares ansiosos nos rostos de todos os oficiais pelos quais ela passou em seu caminho para a sala de conferência.

Parecia que ia ser um dia agitado. Havia uma tensão no ar que lembrava espessura da atmosfera, pouco antes de uma tempestade verão.

Ela mesma sentiu um pouco da tensão, mesmo antes de deixar sua casa. Ela recebeu a primeira chamada às 7:30, informando-a de que eles entrariam em ação com relação à pista dentro de poucas horas. Aparentemente, enquanto ela estava dormindo, a pista conseguida através do Kevin acabou sendo muito promissora. Um mandado foi adquirido e um plano estava sendo posto em prática. Uma coisa já havia sido estabelecida: Nelson queria que Porter e ela trouxessem o suspeito.

Os dez minutos que ela passou no posto foram um turbilhão. Enquanto ela tomava rapidamente uma xícara de café, Nelson estava latindo ordens para todos, enquanto Porter sentou-se solenemente em uma cadeira na mesa de conferência. Porter parecia uma criança fazendo beicinho à procura de qualquer atenção que pudesse obter. Ela sabia que isso devia estar corroendo ele, pois a pista tinha vindo de um menino com o qual Mackenzie conversou—um menino que ele estava disposto a não dar atenção.

Mackenzie e Porter lideravam, e outros dois carros foram atribuídos para sair atrás deles para ajudar, quando necessário. Foi a quarta vez em sua carreira que ela tinha sido encarregada de uma batida policial, e a descarga de adrenalina tinha o mesmo efeito. Apesar da onda de energia fluindo através dela, Mackenzie manteve-se calma e serena. Ela saiu da sala de conferências com equilíbrio e confiança, começando a ter a sensação de que agora este caso era dela, não importa o quanto Porter quisesse isso.

No seu caminho, Nelson se aproximou dela e levou-a suavemente pelo braço.

"White, deixe-me falar com você por um segundo, tá?"

Ele a levou para o lado, guiando-a para a sala das copiadoras antes que ela pudesse responder. Ele olhou em volta conspiratoriamente, certificando-se de que ninguém poderia ouvi-los. Quando teve certeza de que estavam a sós, ele olhou para ela de um modo que a fez se perguntar se ela tinha feito algo de errado.

"Olha," Nelson disse, "Porter veio a mim ontem à noite e pediu para ser transferido. Eu na mesma hora disse que não. Eu também disse que ele seria burro se saísse do caso neste momento. Você sabe por que ele queria ser transferido?"

"Ele acha que eu *pisei no calo* dele na noite passada", disse Mackenzie. "Mas ficou claro que as crianças não estavam respondendo a ele, e que ele não iria tentar com afinho conversar com elas."

"Nossa, você não tem que explicar isso para mim", disse Nelson. "Eu acho que você fez um trabalho muito bom com aquele garoto mais velho. O garoto ainda disse para alguns dos outros caras que foram lá—incluindo os do serviço social—que ele realmente gostou de você. Eu só queria que você soubesse que o Porter está em pé de guerra hoje. Se ele for filho da mãe com você, me avise. Mas eu não acho que ele será. Ele não é um grande fã seu, mas ele quase me disse que respeita você para caralho. Mas isso fica entre nós. Entendeu?"

"Sim, senhor", disse Mackenzie, surpresa com o súbito apoio e encorajamento.

"Tudo bem, então", disse Nelson, batendo de leve nas suas costas. "Vá pegar o nosso homem."

Com isso, Mackenzie saiu para o estacionamento onde Porter já estava sentado atrás do volante de seu carro. Ele lhe deu uma olhada do *tipo por que diabos está demorando tanto* enquanto ela corria

para o carro. No momento em que ela entrou, Porter arrancou para fora do estacionamento antes mesmo de Mackenzie fechar a porta.

"Imagino que você pegou o relatório completo sobre o nosso cara, esta manhã?" Porter perguntou enquanto entrava na estrada. Dois outros carros seguiam eles, com Nelson e quatro outros oficiais de suporte, se necessário.

"Sim", disse Mackenzie. "Clive Traylor, um cara de quarenta e um anos de idade, agressor sexual com passagem. Passou seis meses na prisão por assalto à uma mulher em 2006. Ele atualmente trabalha em uma farmácia local, mas ele também trabalha com carpintaria fora de um pequeno barracão em sua propriedade."

"Ah, você deve ter perdido a última mensagem enviada por Nancy", disse Porter.

"Será?", perguntou ela. "O que eu perdi?"

"O bastardo tem vários postes de madeira atrás de seu barracão. Os dados mostram que eles são quase do mesmo tamanho daquele que encontramos no milharal."

Mackenzie rolou através de seus e-mails em seu telefone e viu que Nancy tinha enviado o memorando a menos de dez minutos atrás.

"Parece que é o nosso cara, então", disse ela.

"Isso mesmo", disse Porter. Ele estava falando como um robô, como se ele tivesse sido programado para dizer certas coisas. Ele não olhou para ela uma única vez. Era claro que ele estava chateado, mas tudo bem com relação à Mackenzie. Enquanto ele usasse a raiva e a determinação para trazer o suspeito, ela não se importaria.

"Eu vou colocar *os pingos nos is*", disse Porter. "Fiquei *muito* irritado quando você assumiu ontem à noite. Mas eu seria amaldiçoado se você fizesse aquele tipo de "milagre" naquele menino. Você é melhor do que eu imaginava. Eu vou ter que admitir isso. Mas o desrespeito..."

Ele parou de falar, como se não tivesse certeza de como terminar a fala. Mackenzie não disse nada. Ela simplesmente olhou para a frente e tentou digerir o fato de que ela tinha acabado de receber "quase elogios" de duas fontes muito improváveis nos últimos quinze minutos.

De repente, ela sentiu que este poderia ser um dia muito bom. Esperemos que, no final do dia, eles trouxessem o homem responsável pela morte de Hailey Lizbrook e vários outros assassinatos não resolvidos ao longo dos últimos vinte anos. Se isso era a recompensa, ela certamente poderia tolerar o humor azedo de Porter.

*

Mackenzie olhou para fora e se sentiu deprimida, enquanto observava os bairros mudarem diante de seus olhos enquanto Porter dirigia para os subúrbios mais abandonados de Omaha. Prósperas áreas deram lugar aos complexos de apartamentos de baixa renda, que depois se dissolveram em afastados bairros mais sórdidos.

Logo que chegaram no bairro de Clive Traylor, feito de casas de baixa renda assentadas em gramados quase mortos, com caixas de correio tortas ao longo da rua. As fileiras e fileiras de casas nunca pareciam ter fim, cada uma parecia ser menos cuidada do que a próxima. Ela não sabia o que era mais deprimente para ela: seu estado negligenciado, ou a monotonia entorpecente.

O bairro de Clive era tranquilo, e enquanto eles desciam, Mackenzie sentiu a familiar descarga de adrenalina. Ela sentou-se involuntariamente, se preparando para enfrentar um assassino.

De acordo com a equipe de vigilância que estava observando a propriedade desde 3 horas da manhã, Traylor ainda estava em casa. Ele não tinha que bater o ponto no trabalho até uma da tarde.

Porter desacelerou seu carro ao dirigir mais acima da rua e estacionou na frente da casa de Traylor. Ele então olhou para Mackenzie, pela primeira vez naquela manhã. Ele parecia um pouco nervoso. Ela percebeu que deveria parecer nervosa também. E, no entanto, apesar de suas diferenças,

Mackenzie ainda se sentia segura correndo um perigo potencial ao lado dele. Machista durão ou não, aquele homem era experiente e sabia o que estava fazendo a maior parte do tempo.

"Você está pronta?" Porter perguntou para ela.

Ela assentiu com a cabeça e puxou o microfone da unidade de rádio do painel.

"White falando", disse ela ao microfone. "Estamos prontos para agir assim que mandar."

"Vá", foi a resposta simples de Nelson.

Mackenzie e Porter saíram do carro lentamente, não querendo dar ao Traylor qualquer motivo para alarme, se ele olhasse para fora da janela e visse dois estranhos andando até o seu gramado. Porter assumiu a liderança enquanto subiam os degraus frágeis da varanda. A varanda estava coberta por uma tinta branca que se soltava em flocos e as cascas de inúmeros insetos mortos. Mackenzie sentiu-se tensa, preparando-se. O que ela faria quando ela visse o rosto do homem que havia assassinado aquelas mulheres?

Porter abriu a porta de tela frágil e bateu na porta da frente.

Mackenzie estava ao lado dele, esperando, com o coração batendo forte. Ela pôde sentir que as palmas das suas mãos começaram a suar.

Alguns segundos se passaram antes que ela ouvisse passos se aproximando. Veio o clique de um cadeado sendo desengatado, a porta se abriu um pouco mais do que uma fresta, e Clive Traylor olhou para eles. Ele parecia confuso—e em seguida, muito alarmado.

"Posso ajudá-los?", perguntou Traylor.

"Sr. Traylor, "Porter disse:" Sou o detetive Porter e esta é a detetive White. Se você tem um momento, gostaríamos de falar com você. "

"Em relação ao que?", perguntou Traylor, instantaneamente na defensiva.

"Sobre um crime que foi cometido duas noites atrás", disse Porter. "Nós apenas temos algumas perguntas e, se você responder honestamente, nós vamos cair fora em cinco ou dez minutos."

Traylor pareceu considerar isso por um momento. Mackenzie conhecia com certeza a sucessão lógica que maquinava em sua cabeça. Ele tinha passagem como criminoso sexual, e qualquer resistência para ajudar a polícia levantaria suspeitas e talvez ainda mais investigação sobre as atividades atuais do Traylor.

Essa era a última coisa que um homem como Clive Traylor queria.

"Sim, entrem," Traylor finalmente disse, claramente não satisfeito com a situação. Ainda assim, ele abriu a porta e levou-os para uma casa que mais parecia um quarto de dormitório universitário.

Havia livros empilhados em todos os lugares, latas de cerveja vazias espalhadas aqui e ali, e pilhas de roupas esporadicamente colocados em qualquer superfície disponível. O lugar cheirava como se Traylor tivesse queimado recentemente algo no fogão.

Ele levou-os para a sua pequena sala de estar, e Mackenzie reparou em tudo, analisando cada coisa rapidamente para determinar se esta era a casa de um assassino. Havia mais roupas em forma de trouxa no sofá e a mesa de café estava cheia de pratos sujos e um laptop. Vendo tal desordem Mackenzie percebeu que talvez os hábitos de Zack não eram tão ruins quanto ela pensava.

Traylor não lhes mandou sentar—o que era bom, porque de nenhuma maneira Mackenzie sentaria em qualquer lugar daquela casa.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.